

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA CONSTRUÇÃO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA DO ALUNO AUTISTA

Alessandra Silveira Rocha

Prefeitura Municipal de Vila Velha

Resumo

Tendo como base a importância do papel da comunicação no processo educativo do sujeito, este trabalho visa conhecer formas de comunicação estabelecidas entre sujeito autista e contexto escolar, mediadas pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) desenvolvida na sala de recurso multifuncional (SRM).

Partindo desse princípio e tendo como prática um aluno com autismo, percebemos características clássicas das limitações desse sujeito dentre elas o distúrbio da linguagem formal e não formal, iniciando assim uma busca para constituir meios de comunicação que oportunizasse o diálogo entre os envolvidos e principalmente que possibilitasse ao aluno se expressar de forma mais clara seus desejos e anseios, pois é também na comunicação que a socialização acontece.

Sendo assim esse trabalho considera o contexto que envolve o processo de ensino aprendido de um aluno autista com oralidade comprometida, considerando o desenvolvimento da comunicação alternativa como forma de expressão oral que possibilitará o aluno interagir com os outros e com os seus desejos e expectativas.

Em síntese priorizamos o entendimento e o conhecimento da comunicação alternativa como sendo necessários para o desenvolvimento das habilidades comunicativas do aluno e através do planejamento e da sistematização didática das ações a serem desenvolvidas o aluno se apropriará das potencialidades.

Palavras-chave: (1) Autismo (2) comunicação alternativa; (3) Planejamento.

Introdução:

Temos percebido que a inclusão de crianças com deficiência, Transtorno Global do desenvolvimento (TGD) e Altas habilidades/Superdotação (Ah/SD) tem conquistado mais espaços e respeito na rotina diária das unidades escolares pública. Junto a essas conquistas, avanços se somam ao processo de ensino aprendizagem para o aluno público alvo da educação especial, dentre eles estão os recursos e serviços de apoio indispensáveis para o desenvolvimento pedagógico do aluno.

Sartoretto (2010, p.8) se refere a recursos como: ajudas, apoio e também meios utilizados para alcançar um determinado objetivo; são ações, práticas

educacionais ou material didático projetados para propiciar a participação autônoma do aluno com deficiência no seu percurso escolar.

Consideram-se ainda as adequações físicas e as Tecnologias Assistivas (TA) (modalidade de ajudas técnicas) como recursos ao processo de inclusão escolar.

Já os serviços de apoio, se caracterizam pela disponibilização de professor (a) de educação especial, “de outros profissionais da educação: tradutor e interprete de língua brasileira de sinais, guia interprete, e outros que atuem em apoio, principalmente às atividades de alimentação e higiene e locomoção” (BRASIL, 2009 p.2) e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em sala de recurso multifuncional (SRM) este em horários inversos ao da classe comum.

Esses são apoios disponibilizados pelo poder público para complementar ou suplementar a formação desses sujeitos, e potencializar o fazer pedagógico em sala de aula comum, dando suporte necessário ao professor regente.

Sendo assim esse trabalho busca desenvolver formas de comunicação estabelecidas entre o sujeito autista e o contexto escolar considerando o contexto que envolve o processo de ensino e a aprendizagem de um aluno autista com oralidade comprometida, priorizando o desenvolvimento da comunicação alternativa como forma de expressão oral, possibilitando o aluno interagir com os outros e com os seus desejos e expectativas expressados.

Sujeito da pesquisa:

A inclusão de indivíduos autistas em sala de aula regular trouxe muitos desafios ao professor regente, principalmente, no lidar com as barreiras que acompanham esses indivíduos nesse fazer pedagógico.

Pensando nos avanços e nas conquistas, e tendo na escola regular crianças com desenvolvimento atípicos que ditam o público alvo da educação especial, mais especificamente os autistas, as ações inclusivas requerem da escola um repensar no seu modo de agir e de fazer diante da diversidade e dos desafios da inclusão desses sujeitos a fim de estabelecer articulações claras junto ao professor regente que promovam a participação efetiva deles nas atividades escolares.

Esses desafios vão desde os aspectos comportamentais e sociais principalmente no diz respeito à socialização, à expressão, à limitação da comunicação, da linguagem e conseqüentemente do diálogo entre professor e aluno.

Nesse contexto o sujeito da pesquisa é um aluno do sexo masculino da rede municipal de Vila Velha com laudo de autismo severo com comprometimento da oralidade, está com nove anos e cursa o 5º ano do ensino fundamental I, possui comprometimento na linguagem formal e informal.

Possui todos os apoios necessários disponibilizados pelo poder público, e na Sala de Recurso Multifuncional o Atendimento Educacional Especializado é realizado no período inverso ao da classe comum em sua própria unidade escolar, duas vezes por semana uma hora cada, sendo individual o atendimento.

O aluno está inserido em uma turma de sala regular com 24 alunos, onde é bem recebido pelos colegas de sala, não frequenta outra instituição e dispensado da fisioterapia por ter a parte física muito bem desenvolvida, no momento a mãe está na tentativa de inserção à terapia fonoaudiológica.

Considerando as observações e as intervenções com o aluno na sala de Atendimento Educacional Especializado assim como os relatos da rotina diária dele em sala de aula, feitos pelo professor regente e o professor da educação especial do turno, percebemos a necessidade do desenvolvimento da comunicação alternativa como forma de um novo canal para a expressão da linguagem do aluno, essa adaptação para se comunicar se dará através da construção de pranchas de comunicação, que é uma prancha organizada com um conjunto de símbolos que indicará o assunto, figuras, etc.

Planejar com conhecimento:

Para ultrapassar as barreiras das nossas limitações às práticas de desenvolvimento pedagógico para esse aluno autista, iniciamos um grupo de estudos, composto por profissional responsável do AEE e as pessoas envolvidas com o aluno, como: o pedagogo, o professor regente e o professor de educação especial, para a troca de informações sobre o aluno, a construção de conhecimento em relação à acessibilidade na comunicação dele, assim como, a exposição de questionamentos e dúvidas que muitas vezes nos engessam e estagnam à ação por falta de entendimento, mediando o que fazer e como fazer como busca de resultados.

Portanto a idéia de introduzir a Comunicação Aumentativa e Alternativa(CAA) para o aluno foi interessante, mas como fazer já que o transtorno dificulta a interação desse sujeito que se tende e guia-se exclusivamente por impulsos internos, alheios às condições do meio?

Como diz Campbell (2009, p.122) em relação ao comportamento das pessoas autista:

Pessoas com esse distúrbio se comportam como se as outras não existissem, rejeitam o contato físico, olham através das pessoas como se elas não existissem e não reagem a alguém que fale com elas ou as chame pelo nome. Não demonstram suas emoções, exceto se estivessem bravos ou agitados.

Diante disso percebemos que o caminho será longo, e os desafios também, mas a idéia de construir uma forma de comunicação entre o aluno e as pessoas a sua volta nos impulsionou ao desenvolvimento da pesquisa.

Nesse processo o professor do AEE identifica as necessidades do aluno e inicia a construção de recursos necessários podendo ser de **alta** ou **baixa tecnologia** dependendo das condições da escola.

Sartoretto, (2010 p. 9) descreve Recurso de baixa e alta tecnologia como:

Recursos de baixa tecnologia são os que podem ser construídos pelo professor do AEE e disponibilizados ao aluno que os utiliza na sala comum ou nos locais onde ele tiver necessidade deles.

Recursos de alta tecnologia são os adquiridos após a avaliação das necessidades do aluno, sob a indicação do professor de AEE.

Sendo assim e analisando as condições da unidade escolar percebemos que iniciaremos utilizando os recursos de baixa tecnologia construída com materiais que fazem parte do cotidiano escolar.

Todavia a descrição e a utilização de recursos pedagógicos devem estar atreladas às características do aluno, às atividades propostas pelo professor regente e aos objetivos educacionais.

Depois de identificar as necessidades educacionais do aluno o passo seguinte foi a elaboração do Plano de AEE e a construção dos recursos necessários para o processo de inserção à comunicação alternativa como, por exemplo, a prancha de comunicação, possibilitando ao professor trabalhar aspectos da compreensão e da expressão da linguagem no processo de desenvolvimento pedagógico.

Sartoretto,(2010, p.16) se refere a isso da seguinte forma:

Alunos com impedimentos na expressão oral utilizam as pranchas de comunicação para expressarem sua compreensão e interpretação daquilo que está sendo lido. Os recursos devem sempre mediar a ação que se realiza entre o aluno e o texto e possibilitar que o professor da classe comum interprete o processo de aquisição de conhecimentos que está sendo construído pelo aluno e planeje intervenções.

Conforme NOTA TÉCNICA N° 055 / 2013 / MEC / SECADI / DPEE que orienta a atuação dos Centros de AEE, na perspectiva da educação inclusiva, diz que o profissional que atua na sala de recurso multifuncional deve:

Elaborar, executar e avaliar o Plano de AEE dos estudantes, por meio da identificação de habilidades e necessidades educacionais específicas dos estudantes, definição e organização de estratégias, serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade.

Elaborar, executar e avaliar o Plano de AEE dos estudantes, por meio da identificação de habilidades e necessidades educacionais específicas dos

estudantes, definição e organização de estratégias, serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade.

Sendo assim o professor do Atendimento Educacional Especializado confeccionará e ensinará o aluno a utilizar as ferramentas da Comunicação Alternativa na escola e para fora dela sempre em parceria com o professor regente, o professor da educação especial, a família e outros profissionais que atuam juntos no caso, para que o trabalho possa ter sucesso ao se efetivar.

O desafio está em criar estratégias de atenção, de concentração e de memorização do aluno para a associação das imagens, existentes na prancha, à vivência e a indicação do que ele deseja comunicar, devido às questões de bloqueio das suas relações sociais e a reciprocidade necessária à comunicação.

Conforme critérios básicos do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) “para o autista há uma adesão aparentemente inflexível a rotinas ou rituais específicos e não funcionais”.

Com isso estabelecemos rotinas ao desenvolvimento pedagógico do aluno autista foi uma forma de condicionar as ações para que elas se tornem uma prática, contudo atentos à compreensão do aluno ao que está sendo feito, para que se possa dar sentido ao que está aprendendo.

Considerações finais

Diante da complexidade do distúrbio da comunicação, expressão e socialização, imprescindíveis para um bom desenvolvimento social, percebem-se o quanto é necessário a complementação do aprendizado diante das barreiras da deficiência para dar sentido a uma vida digna ao sujeito autista.

Sendo assim precisamos parar de acreditar que a inclusão é uma utopia, e criar possibilidades de adequações dos obstáculos dessas limitações, dando sentido à vida desses indivíduos.

Conforme critérios básicos do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) para o autista severo, com distúrbios na oralidade, além da dificuldade de interação relacionada a comunicação há uma adesão aparentemente inflexível a rotinas ou rituais específicos e não funcionais.

Diante disso iniciamos a Comunicação Alternativa com figuras que representam situações que fazem parte do dia a dia do aluno configurando através delas, as práticas constantes. No decorrer, ir aumentando os estímulos aprimorando o desenvolvimento do diálogo sistematizado e expressivo.

O trabalho deve ser em equipe, pois se acontecer isoladamente nada mais será do que um processo frustrado e insuficiente para a promoção do aprendizado do aluno, necessitando planejamentos periódicos e confecção de materiais, para que oportunize resultados pedagógicos eficazes.

Dominar as práticas e entender o processo é fundamental, pois se entende que, não há práticas efetivas se não adquirirmos conhecimentos que nos faça

entender o que temos. Praticando e fazendo uso da criatividade no fazer pedagógico, sistematizando e de forma significativa para o aluno as ações a serem desenvolvidas com o aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, Selma Inês. **Múltiplas faces da Inclusão**. Rio de Janeiro: wak, Ed., 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9394/96. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil acesso em 21 de agosto de 2013.

BRASIL. Resolução CNE/CEB Nº4, de 2 de outubro de 2009. **Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Ministério da Educação, Brasília, 2009.

BRASIL. **Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política de Proteção dos Direitos da Pessoa Autista**. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil acesso em 21 de agosto de 2013.

SARTORETTO, Mara Lúcia. **A educação Especial na Perspectiva da Inclusão escolar: recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa/** Mara Lúcia Sartoretto, Rita de Cássia Reckzielgel Bersch. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.
